

# A DESCOBERTA DE UM TECTO: ALEGORIA CELESTIAL DE JOSÉ ANTÔNIO NARCISO NA SACRISTIA DA IGREJA DO SACRAMENTO EM LISBOA

VÍTOR DOS REIS

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

<sup>1</sup> Convém salientar que a pintura mais recente foi executada sobre uma preparação oleosa aplicada sobre a pintura prévia, necessária para facilitar a adesão daquela; embora não tendo sido destruída, a pintura original sofreu com as intervenções decorrentes deste processo. A nova pintura previu desde o início a colocação do quadro emoldurado, preso ao tecto através de compridos parafusos, já que a área central que lhe correspondia não foi pintada. Agradeço

## Introdução

São complexas as vidas das imagens. Como complexas são as relações entre si; no modo como se cruzam, se sobrepõem e coexistem. Como, frequentemente, se desafiam, influenciam e citam, criando rivalidades e continuidades. Na pequena sacristia da Igreja do Santíssimo Sacramento, em Lisboa, aconteceu tudo isto.

Em 2012, no decorrer dos trabalhos de restauro no interior do templo, a limpeza da pintura decorativa do tecto da sacristia do lado do evangelho conduziu à descoberta de uma outra pintura subjacente cobrindo integralmente o mesmo tecto (fig. 1). A antiga pintura, posta a descoberto, representa uma alegoria celestial constituída por três anjos que, sobre uma nuvem, seguram objectos litúrgicos; em seu redor, uma arquitectura ilusionista procura elevar o pequeno e baixo espaço rectangular e abri-lo à visão mística do céu. Esta construção perspectivada, que culmina numa balaustrada a toda a volta da sala, opera a típica desmaterialização do espaço sólido e opaco do ilusionismo barroco que, em Portugal, perdurou até ao início do século XIX. Curioso é o facto da pintura ter sido oculta (mas não destruída) por uma outra, meramente ornamental, esteticamente datável de adiantado século XIX, realizada sobre a pintura original e tendo ao centro um quadro, em tela cartonada e emoldurada, representando igualmente três *putti* que, em pleno céu, empunham objectos quase idênticos aos da pintura subjacente (fig. 2)<sup>1</sup>. Destruída a pintura mais recente para que a mais antiga fosse revelada, preservou-se o quadro central – agora exposto, após a sua limpeza, na parede da mesma sacristia (fig. 3). Três perguntas surgem de imediato: quem são os autores das duas pinturas, quando foram criadas e qual a razão da segunda ter sido realizada sobre a anterior, ocultando-a mas reiterando o seu tema central?

## Arbitragem Científica Peer Review

**Luís de Moura Sobral**  
Universidade de Montréal

**Magno Moraes Mello**  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Data de Submissão**  
**Date of Submission**  
Fev. 2013

**Data de Aceitação**  
**Date of Approval**  
Abr. 2014



à Dr.<sup>a</sup> Carmen Almada e à equipa da Junqueira 220 estas informações. Agradeço também à Dr.<sup>a</sup> Cristina Carvalho pelo seu auxílio no acesso aos documento do Arquivo da Igreja e ao Flávio pela disponibilidade. Um agradecimento especial ao Cônego Armando Duarte, responsável pelas paróquias dos Mártires e do Sacramento e impulsor incansável dos trabalhos de restauro desta igreja.

<sup>2</sup> António Manuel da Fonseca, cuja vida atravessa quase todo o século XIX, estudou em Lisboa e Roma e foi em Portugal um dos principais – e mais polémicos – representantes do neoclassicismo de inspiração romana. Professor de Pintura Histórica (de 1837 a 1863), foi o autor de uma vasta obra pictórica que inclui, em Lisboa, a decoração, datada de 1822, do Salão Nobre do Palácio Quintela, com *O Rapto das Sabinas* e *Minerva e Cupido*, e o tecto da nave da Igreja de São Nicolau, contratado em 1847 (Reis 2006b, 154-155).

<sup>3</sup> Também em Meca, Narciso trabalhou em equipa com Pedro Alexandrino na nave (*Cenas da Vida e Martírio de Santa Quitéria*, c.1760-99) e a solo na sacristia. Apesar de muito escurecido e retocado, um outro tecto de Narciso apresenta

Fig. 1 – José António Narciso (1731-1811). *Alegoria Celestial (Alegoria à Procissão Eucarística)*, 1805. Óleo e/ou têmpera sobre estuque, 380 x 570 cm. Lisboa, Igreja do Santíssimo Sacramento (tecto da sacristia do lado do evangelho).

Fig. 2 – António Manuel da Fonseca (1796-1890). *Alegoria Celestial (Alegoria à Procissão Eucarística)*, 1873. Óleo e/ou têmpera sobre estuque e óleo sobre tela cartonada (quadro central), 380 x 570 cm. Lisboa, Igreja do Santíssimo Sacramento (anterior tecto da sacristia do lado do evangelho).

Fig. 3 – António Manuel da Fonseca (1796-1890). *Alegoria Celestial (Alegoria à Procissão Eucarística)*, 1873. Óleo sobre tela cartonada, 140,50 x 95,50 cm. Lisboa, Igreja do Santíssimo Sacramento (detalhe do anterior tecto da sacristia do lado do evangelho).

## Duas pinturas, dois autores, duas datas – o mesmo tema

A pintura agora revelada, por características estilísticas que incluem tanto as óbvias semelhanças com outras obras como as notórias debilidades anatómicas dos corpos representados, é certamente da autoria de José António Narciso (1731-1811) que, em parceria com Pedro Alexandrino de Carvalho (1709-1810), foi responsável pela decoração pictórica dos tectos da nave e da capela-mor da igreja, executados entre 1804 e 1805, ano provável da realização da pintura descoberta. Nesta obra a solo, Narciso antecipa, no tema e na forma, o bastante maior e mais espectacular tecto da sacristia da Igreja de Santa Quitéria de Meca, próximo de Alenquer, provavelmente a sua derradeira criação (fig. 4). Já a segunda pintura, agora removida, terá sido realizada por António Manuel da Fonseca (1796-1890), pintor e professor da Academia de Belas-Artes<sup>2</sup>, que, entre 1 de Junho de 1872 e 23 de Setembro de 1873, integrou a equipa responsável pelas obras de restauro e beneficiação da igreja. Nesta empreitada, António Manuel da Fonseca foi o responsável pelo restauro dos restantes tectos criados pela dupla Alexandrino e Narciso mas também das telas que o primeiro realizou para os altares da igreja e paredes da capela-mor e, ainda, o autor do novo retábulo que concluiu o projecto pictórico da igreja: a tela de *Nossa Senhora da Soledade* colocada no primeiro altar, a partir da entrada, do lado do evangelho.

Efectivamente, a análise da pintura da sacristia permite concluir com segurança a sua filiação na obra de José António Narciso, um dos principais pintores decoradores portugueses da segunda metade do século XVIII, especialista em pintura de ornatos e de perspectiva (arquitectura ilusionista ou *quadratura*), e co-autor, com Pedro Alexandrino de Carvalho, da maioria dos tectos pintados em Lisboa no período de reconstrução pós-terramoto – como foi o caso, só no Chiado, dos tectos das igrejas do Sacramento, do Loreto e dos Mártires (cf. Reis 2006a; Reis 2006b). Uma obra em particular destaca-se pelas semelhanças com aquela que aqui se analisa: a da cobertura da sacristia da Igreja de Santa Quitéria de Meca, próximo de Alenquer, realizada provavelmente entre 1809-11. Apesar da sua maior dimensão, da sua técnica distinta (óleo sobre tela em vez de óleo e/ou têmpera sobre estuque), do maior número de anjos representados e, sobretudo, da grandiosidade da sua *quadratura*, o tema, a composição e o estilo são idênticos aos do tecto agora revelado<sup>3</sup>.

A consulta dos documentos existentes no arquivo da igreja, bem como do *Relatório da mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia da Mesma Soberana Invocação, Acerca das Obras de Restauração da Sua Igreja, que se fizeram durante os meses de Junho de 1872 a Setembro de 1873, Acompanhado d'uma Breve Notícia das Mencionadas Igreja – Freguesia – e Irmandade*, publicado em 1873, permite obter informações valiosas sobre a contratação de Narciso e de Alexandrino para as obras de decoração pictórica da igreja inseridas na sua reconstrução pós-terramoto (AISS 1870-1875, 31v-43v; Irmandade do Santíssimo Sacramento 1873, 29-31). De facto, não só Pedro Alexandrino de Carvalho foi contratado para pintar as dez-



sete telas que decoram o templo (as do baptistério e dos altares laterais da nave terão sido realizadas entre 1798 e 1800, a do altar-mor em 1802 e as das paredes da capela-mor em 1805), como Narciso, no período de 1804 a 1805, é contratado e pago para pintar os tectos da nave e da capela-mor e, em 1805, para realizar a «pin-/tura das 2 Sanchristias, Tribuna, / Teto do Coro e Camarim, que / ajustou p.º 840\$000» (AISS 1870-1875, 39r), além de vários outros trabalhos de decoração da igreja que se estendem até 1806. Certo é que todas estas obras estavam concluídas a 5 de Abril de 1807, data da missa de sagração da igreja<sup>4</sup>.

No caso da nave como da capela-mor, parece indiscutível que Narciso, sendo embora o único responsável pela empreitada perante a Irmandade, terá subcontratado Pedro Alexandrino, pintor de história e o mais bem sucedido artista deste período, que, nessa qualidade, foi o autor dos medalhões centrais e das representações figurativas<sup>5</sup>. A Narciso coube a elaborada pintura de quadratura e ornamentos – a mais notável da sua carreira. Já no caso da pintura do tecto da sacristia do lado do evangelho, agora reaparecida, tudo indica que, fosse pela pequena dimensão da sala, pela menor importância da obra ou por questões práticas da empreitada, terá sido da inteira responsabilidade de Narciso, o autor tanto da quadratura como da figuração – a qual, aliás, revela, à semelhança da pintura de Meca, as dificuldades do artista com a construção anatómica das figuras.

Só terminada em 1807, a decoração pictórica da Igreja do Sacramento tornar-se-ia um dos últimos exemplos da longa arte do ilusionismo barroco em Portugal<sup>6</sup>, indissociavelmente ligado ao *ancien régime* cujo fim se iniciaria a 29 de Novembro desse ano com a fuga da família real e da grande nobreza portuguesas para o Brasil na sequência da invasão do país pelas tropas de Napoleão. No entanto, em 1822, as obras seriam retomadas para, desta vez, erguer o edifício contíguo que apenas ficaria concluído em 1847. Nessa data, a Casa do Despacho da Irmandade do Santíssimo, situada no piso superior deste corpo, foi decorada pelo pintor e professor da Academia das Belas-Artes José Francisco Ferreira de Freitas, pela quantia de 334\$800 réis paga entre 15 de Novembro e 31 de Dezembro (AISS 1845-1855, 30r, 31r, 35r; Irmandade do Santíssimo Sacramento 1873, 34)<sup>7</sup>.

No entanto, são as obras de 1872-73 que, tudo o indica, conduziram à ocultação da pintura de Narciso por aquela que agora foi removida. De facto, 65 anos depois de concluída a Igreja do Sacramento, a respectiva Irmandade considerou necessário proceder ao restauro do interior e promover pequenas obras de melhoramento<sup>8</sup>. É neste contexto que, a 22 de Junho de 1872, António Manuel da Fonseca, professor jubilado da Academia das Belas-Artes, é contratado, pela quantia de 1.600\$000 réis, para efectuar «a restauração das pin-/turas dos tectos da Igreja e Capella-/Mór d'esta Irmandade – a de todos / os quadros dos altares e paredes da m.<sup>ma</sup> / Capella-Mór – a do camarim do throno – / a do quadro e Cap.<sup>a</sup> do baptisterio, bem co-/mo a do tecto por baixo do Côro» (AISS 1870-1875, 48r). A 29 de Setembro do ano seguinte, Fonseca receberia 105\$000 pela pintura de um novo painel, dedicado a *Nossa Senhora da Soledade*, para o único altar não decorado por Alexandrino (AISS 1870-1875, 75r; Irmandade do Santíssimo Sacramento 1873, 4, 17, 30). Mais

afinidades com este do Sacramento, sobretudo no que diz respeito à *quadratura*: o do Salão dos Officiais do Palácio Barbacena (*Vênus e Eros com Cupidos*, realizado em data desconhecida), actual Messe de Officiais de Lisboa (cf. Reis 2006b, II, 245).

<sup>4</sup> Tudo indica que, a ter sido realizada, a pintura do tecto da sacristia do lado da epístola terá desaparecido. As sondagens efectuadas aquando do presente restauro não indicaram a presença de uma pintura subjacente à que actualmente decora este tecto. Também desapareceram as pinturas da tribuna e do camarim, explicitamente referidas no livro de contas da Igreja.

<sup>5</sup> Além dos desenhos preparatórios para duas telas dos altares laterais e para a do altar-mor, chegou até nós o estudo de Pedro Alexandrino para o grande medalhão central do tecto da nave, com o tema *Adoração do Cordeiro Místico*, que se encontra hoje no Museu Nacional de Arte Antiga (desenho a pincel a tinta sépia, aguada de tinta da china e desenho subjacente a lápis, 566 x 345 mm; Inv. n.º 32 DES). Cf. Reis 2006b, II, 161; Fonseca 2008, 193.

<sup>6</sup> Em Lisboa, posterior ao Sacramento só, eventualmente, o tecto da nave da Igreja de São Julião, também pintado por Pedro Alexandrino de Carvalho e José António Narciso, cuja data de conclusão é, segundo diferentes autores, 1800 ou 1810. No entanto, acabaria destruído no incêndio que a 4 de Outubro de 1816 atingiria a igreja (Reis 2006b, II, 294).

<sup>7</sup> Esta pintura, que inclui as paredes e o tecto da sala, de inspiração neoclássica e assumido anti-ilusionismo perspectivístico e atmosférico, dá continuidade à temática eucarística, tendo no centro do tecto um medalhão com a representação do Cordeiro Místico. José Francisco Ferreira de Freitas foi também o autor, em 1824, da pintura original do tecto da Igreja de Nossa Senhora da Vitória, na paróquia de São Nicolau e, em 1836, da pintura de ornatos das paredes da Capela de São Roque do Arsenal da Marinha (Guimarães 2006, 123).



Fig. 4 – José Antônio Narciso (1731-1811). *Alegoria Celestial*, c. 1809-11. Óleo sobre tela colocada sobre madeira. Meca (Alenquer), Igreja de Santa Quitéria (tecto da sacristia).

<sup>8</sup> O restauro das pinturas e cantarias terá sido motivado, aparentemente, pela conjugação de dois factores: infiltrações e excesso de fumo; daí a reparação do telhado «afim de que as pinturas dos tectos ficassem preservadas dos estragos a que, sem aqueles reparos, estariam sujeitas» e a abertura de respiradores no tecto e a colocação

importante, é o pagamento a 25 de Junho de 1873 de 100\$000 pelas «pinturas das sa-/cristias da Igreja d'esta Irman-/dade e dos corredores a ellas con-/tiguos» e não, como anteriormente, pelo restauro das pinturas existentes (AISS 1870-1875, 67r). De facto, também a sacristia do lado da epístola, de maior dimensão, apresenta uma pintura ornamental de estuque fingido, estilisticamente idêntica à que existia na do lado do evangelho, mas desprovida do quadro figurativo central. Portanto, Antônio Manuel da Fonseca terá sido o autor muito provável da pintura do tecto de ambas as sacristias que, pelo menos no caso da mais pequena, implicou a ocultação da já existente – da autoria de Narciso. Porém, o tema permaneceu o mesmo tal como, no essencial, a composição do grupo figurativo central – mas não o contexto envolvente que abandonou a espacialidade do ilusionismo perspectico

barroco para exibir uma solução mais *moderna*, exclusivamente ornamental, acen-  
tuadamente monocromática e bidimensional.

No centro do tecto de Narciso, os três anjos seguram alguns objectos sagrados como a umbela, espécie de pálido redondo, semelhante a um guarda-sol destinado a cobrir o sacerdote que, em procissão, leva o sacramento da Eucaristia; o missal; a cruz processional e duas velas. Esta associação da procissão com o sacramento da Eucaristia ressurgiu no quadro de António Manuel da Fonseca mas agora reforçada por objectos adicionais, como a píxide, destinada a guardar as hóstias consagradas, que o anjo da direita segura juntamente com a estola e, sobre os ombros, a capa de asperges, ou pluvial, paramento litúrgico usado sobretudo nas procissões. Conclui-se assim que a alegoria celestial pintada por duas vezes no tecto da pequena sacristia é, em rigor, uma alegoria à procissão eucarística, uma outra forma de celebrar o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, ao qual todo o templo está consagrado e que, de forma coerente, constitui o tema das restantes imagens para ele criadas. Apesar da pequena dimensão da Sacristia, a muito baixa altura do tecto dificulta, tal como em Meca, a visão total da obra de Narciso a partir do centro da sala e, sobretudo, a plena eficácia das leis óptico-geométricas ao serviço da construção de uma ficção arquitectónica em altura<sup>9</sup>. Por isso também, a observação a partir da porta de entrada, embora conduzindo à percepção distorcida da quadratura (exposta pela fig. 1), permite uma visão mais ampla da pintura e, por via da *dissonância* aperspéctica do céu e das figuras nele representadas (cf. Sjöström 1978), uma percepção eficaz dos anjos concebidos para serem vistos deste lugar através desta visão oblíqua. Trata-se de uma forma de *contraponto* ou *arte da fuga* (Reis 2006b, I, 454-467), tão ao gosto barroco, entre espacialidade arquitectónica (visual) e espacialidade atmosférica (visionária), estruturante do ilusionismo celestial amplamente praticado em Portugal na segunda metade do século XVIII (cf. Raggi 2004; Reis 2006b).

de ventiladores em vários locais da igreja «para dar saída ao fumo, do que havia falta muito notável, que era preciso não continuar, como meio de evitar-se, tanto quanto possível, a damnificação das pinturas» (Irmandade do Santíssimo Sacramento 1873, I, 10).

<sup>9</sup> O tecto da Sacristia da Igreja de santa Quitéria de Meca, sendo um verdadeiro exercício de *bravura* por parte de José António Narciso, constitui um dos exemplos mais notáveis nas *máquinas celestiais* portuguesas da segunda metade do século XVIII e início do XIX. Mas, ao mesmo tempo, um dos seus mais impressionantes fracassos. Por ter uma área muito maior que a pintura lisboeta da Igreja do Sacramento mas uma altura semelhante, vê bastante agravada esta ineficácia perceptiva e ilusionista. No caso da pequena pintura do Sacramento, é necessário que o observador esteja deitado no centro do chão da sacristia (origem da pirâmide perspéctica) para que a ilusão da quadratura seja perceptivamente eficaz.

## Conclusão: uma vida suspensa

Estaria o tecto de Narciso degradado, esteticamente desactualizado, ou, numa avaliação do seu mérito artístico, foi considerado dispensável? Talvez as três razões expliquem o destino desta pintura. Mas, convém lembrar, para esse destino contribuiu também a decisão de realizar a nova pintura sem destruir fisicamente a anterior, mesmo que tal tenha ocorrido por razões relacionadas com o menor custo e a maior rapidez de execução; de facto, a aplicação da camada que serviu de base à segunda contribuiu para a sua preservação em notáveis condições. Oculta da luz, do fumo e do contacto atmosférico directo durante quase 140 anos, a pintura de Narciso viu a sua vida suspensa e nesse estado de letargia permaneceu à espera de ser redescoberta. Ao mesmo tempo, como numa charada, ao repetir e citar o tema e a forma da representação central da obra de Narciso, a nova pintura de Fonseca oferecia-se como indício da presença invisível da pintura anterior. ●

## Bibliografia

AISS (Arquivo da Igreja do Santíssimo Sacramento). 1769-1822. Livro da Conta da Obra da Igreja do Santíssimo Sacramento p.<sup>a</sup> Apresentar na Meza da Collecta (1769-1822). Lisboa; f. 102.

AISS (Arquivo da Igreja do Santíssimo Sacramento). 1845-1855. Diário da Receita e Despesa da Irmandade do S.<sup>mo</sup> Sacramento da Freguezia da Mesma Soberana Invocação da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio (1845-1855). Lisboa; f. 280.

AISS (Arquivo da Igreja do Santíssimo Sacramento). 1870-1875. Diário da Receita e Despesa N.<sup>o</sup>4, da Irmandade do S.<sup>mo</sup> Sacramento da Freguezia da Mesma Soberana Invocação (1870-1875). Lisboa; f. 149

FONSECA, Anne-Louise G. 2008. *Pedro Alexandrino de Carvalho (1729-1810) et la peinture d'histoire à Lisbonne: cycles religieux et cycles profanes*. Montréal: Faculté des Arts et des Sciences de l'Université de Montréal (Tese de doutoramento em História de Arte).

GUIMARÃES, Maria Luísa de Oliveira. 2006. *A Capela de S. Roque no Real Arsenal da Ribeira das Naus*. Lisboa: Edições Comissão Cultural da Marinha.

Irmandade do Santíssimo Sacramento. 1873. *Relatorio da mesa da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia da Mesma Soberana Invocação, Ácerca das Obras de Restauração da Sua Igreja, que se fizeram durante os mezes de Junho de 1872 a Setembro de 1873, Acompanhado d'uma Breve Noticia das Mencionadas Igreja – Freguezia – e Irmandade*. Lisboa: Typographia de Costa Sanches.

RAGGI, Giuseppina. 2004. *Architetture dell'Inganno: Il Lungo Cammino dell'Illusione. L'Influenza Emiliana nella Pittura di Quadratura Luso-brasiliana del Secolo XVIII*. 2 vols. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Tese de doutoramento em História da Arte).

REIS, Vítor dos. 2006a. "O Sonho de Jacob: Visões do Céu nos Tectos da Igreja dos Mártires e de outras Igrejas do Chiado", in *Basílica de Nossa Senhora dos Mártires e outras Igrejas do Chiado*. Lisboa: Fundação Sousa Pedro, 115-139.

REIS, Vítor dos. 2006b. *O Rapto do Observador: Invenção, Representação e Percepção do Espaço Celestial na Pintura de Tectos em Portugal no Século XVIII*. 2 vols. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Tese de doutoramento em Belas-Artes / Teoria da Imagem).

SJÖSTRÖM, Ingrid. 1978. *Quadratura: Studies in Italian Ceiling Painting*. Stockholm: Almqvist and Wiksell.